

**PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES:
HISTÓRICO E ALGUMAS REFLEXÕES**

Alexandre do Nascimento

Histórico do PVNC

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), surgiu na Baixada Fluminense-RJ, em 1993, em função do descontentamento de educadores com as dificuldades de acesso ao ensino superior, principalmente dos estudantes de grupos populares e discriminados. O PVNC também surgiu visando a articulação de setores excluídos da sociedade para uma luta mais ampla pela democratização da educação e contra a discriminação racial. A proposta de organização deste curso na Baixada foi lançada por Frei David Raimundo dos Santos que, em conjunto com os professores Alexandre do Nascimento, Antonio Dourado e Luciano Santana Dias conceberam, articularam e fundaram o Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes na Igreja da Matriz de São João de Meriti. Esse grupo assumiu a coordenação do curso. A primeira equipe de professores era formada por Zama Reis (História), Silvio (Geografia), Zé da UERJ (Biologia), Hermes (Física), Alan (Química), José Roberto (Matemática), Kátia (Redação).

A idéia de organização de um Curso Pré-Vestibular para Negros nasceu a partir das reflexões sobre a educação e o negro, realizadas entre 1989 e 1992, na Pastoral do Negro de São Paulo.

Nesse período, a PUC-SP concedeu 200 bolsas de estudos para estudantes participantes do movimento negro. Também neste período (1992), ~~surgiu~~ na Bahia a *Cooperativa Steve Biko*, com objetivo de apoiar e articular a juventude negra da periferia de Salvador, colaborando para a entrada de jovens na Universidade. Ainda neste período, surgiram no Rio de Janeiro duas outras experiências populares de ensino pré-vestibular, O Curso Pré-Vestibular da Associação dos Funcionários da UFRJ e o Mangueira Vestibulares.

A partir das reflexões e motivados pelas 200 bolsas de estudos concedidas pela PUC-SP e pelas experiências surgidas

- NASCIMENTO, Alexandre. **Movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes: Histórico, Concepção e Proposta Pedagógica.** Trabalho apresentado no Seminário Baixada: Povo, Cultura e Poder. Nova Iguaçu/RJ. 1995;
- ESTEVES, José C. R. **Pré-Vestibular para Negros e Carentes: Projeto de Educação Alternativo ou Excludente?** Monografia de Pós-Graduação. Niterói. UFF/RJ. 1997;
- SANTOS, Frei David R. dos. **Histórico do Pré-Vestibular para Negros e Carentes.** Trabalho apresentado no VI Seminário de Formação do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. São João de Meriti/RJ. 1997.

na Bahia e no Rio de Janeiro, iniciaram-se, no final de 1992, na Igreja da Matriz de São João de Meriti-RJ, as discussões e articulações para a organização de um curso na Baixada Fluminense, para capacitar estudantes para o vestibular da PUC-SP e das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro.

Inicialmente, a proposta se fundamentou em duas constatações: em primeiro lugar, a péssima qualidade do ensino de 2º. grau na Baixada Fluminense, que praticamente elimina as possibilidades de acesso do estudante da região - que é constituída em sua maioria por uma população economicamente desfavorecida e negra - ao ensino superior; E, em segundo, o baixo percentual de estudantes negros nas universidades (menos de 5% dos estudantes).

O grupo que iniciou a articulação estabeleceu contatos com outros professores, buscaram escolas que pudessem ceder uma sala para a realização das aulas, bem como o trabalho de divulgação e reuniões com os primeiros alunos interessados. A partir desses contatos o grupo foi se ampliando, projeto inicial do curso começou a ser definido e em junho de 1993 iniciaram-se as aulas do curso. A esse curso foi dado o nome de *Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes*.

A partir de 1994, com o sucesso e repercussão do trabalho realizado em 1993 - que obteve 34% de aprovados - outros grupos (entidades populares, entidades do movimento negro, igrejas, educadores) organizaram novos núcleos do *Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes*. No final de 1994, o PVNC já contava com mais 20 núcleos.

Por fim, vale lembrar que 1994 foi um ano fundamental para o PVNC. Foi um ano de crescimento, de adesão de novos grupos, de novos núcleos, de muitas articulações, debates, conflitos internos e criação de novos espaços: A Assembléia Geral, as equipes de reflexão racial e pedagógica, o Jornal, as aulas de Cultura e Cidadania. A meu ver, em 1993 foi lançado o *germão*, mas 1994 foi o ano de constituição do PVNC como um movimento.

Por uma nova pedagogia: a importância de uma Filosofia de Educação

A filosofia da educação tem como meta a reflexão sobre o sentido da educação e a formulação de idéias para um projeto educativo. Para isso, uma filosofia de educação tem como tarefa primeira a *escuta* de uma questão educativa. É a partir dessa *leitura* do contexto em que se dá a educação que se pode passar a uma reflexão crítica destinada à problematização da situação.

Por isso, para a reflexão filosófica sobre de educação e o sentido das nossas ações político-pedagógicas, considero como pressupostos os objetivos e as contradições que fundaram o PVNC: de um lado, a péssima qualidade do ensino de médio; e, do outro lado, o baixo percentual de participação negros e estudantes de classes populares nas universidades públicas.

Como um movimento social popular e, portanto, como ação política-pedagógica direcionada às camadas e grupos sociais discriminados, que tem como objetivo a inclusão social e o pertencimento à cidadania, a nossa filosofia de educação deve indicar pistas que apontem para uma pedagogia que possibilite a apropriação crítica de conhecimentos.

Quando falo em uma filosofia de educação não falo em assumirmos um sistema filosófico pronto, construído em outro contexto e por um especialista. Concordo com Gadotti (1991), quando coloca que “a filosofia da educação deve renunciar ao privilégio que consiste em reservar aos filósofos a prática da filosofia. Todos os homens filosofam quando se interrogam sobre a finalidade do seu trabalho, das implicações de sua vida em sociedade, das condições de sua existência”.

Os educadores fazem uma série de críticas ao modelo ideológico que fundamenta nossa educação, mas não podemos esquecer que estamos na sala de aula reproduzindo o mesmo modelo. Toda prática educativa se fundamenta em uma filosofia política, mesmo que o educador não tenha consciência disso. Nesse caso, o educador passa a ser uma engrenagem acrítica do sistema e um elemento fundamental para a sua manutenção. Esse é um problema da maior importância, pois ser neutro é trabalhar em favor dos valores e da ideologia dominante. A ideologia, neste sentido, está ligada à intenção de distorção da realidade, o que contraria os propósitos do PVNC.

Se nós queremos superar a finalidade da educação como nos tem sido apresentada, ou seja, como adaptação das pessoas a um modelo de sociedade. Se queremos uma educação que, ao contrário, vise proporcionar a apropriação crítica de conhecimentos e da história e despertar as pessoas para a necessidade de construção de uma outra sociedade, uma educação ligada à formação ético-política, à formação de militância para a luta popular, ao pertencimento à cidadania, uma educação que não produza discípulos, mas que leve o sujeito à reflexão, a nossa filosofia de educação deve ter como objetivo primeiro uma nova pedagogia, uma pedagogia crítica. Neste sentido, penso que a ação pedagógica deve ter a dialética como método.

A dialética é, essencialmente, crítica das ideologias, dos pressupostos do conhecimento, é análise dos aspectos e elementos contraditórios de uma realidade. A Dialética opõe-se ao dogmatismo, ao reducionismo, portanto é sempre inacabada e aberta a própria superação.

É este o sentido que, a meu ver, devemos dar em nosso ato educativo: exposição, contextualização social-histórica e análise dos conteúdos; reflexão permanente acerca dos problemas existentes no âmbito das relações políticas-sociais, análise das instituições que nos atravessam, do ensino básico e do papel da universidade; discussão política sobre democracia, cidadania, autonomia e projeto político de sociedade e educação; análise da articulação entre teoria e prática do PVNC, ou seja, análise da coerência entre as finalidades e procedimentos do PVNC.

Em um curso pré-vestibular praticamente inexiste liberdade para uma elaboração alternativa a nível de

organização e conteúdos, uma vez que os conteúdos programáticos dos vestibulares são definidos por outras instituições, com base no conteúdo do 2º grau, e privilegiam a transmissão acrítica de conteúdos em detrimento ao raciocínio lógico e reflexivo.

Tendo em vista que, além fornecer subsídios para que os estudantes obtenham bom desempenho no vestibular, pretende-se criar uma dinâmica de análise permanente dos conteúdos, das regras, do vestibular, da universidade, da cultura, da violência, do cotidiano, da sociedade, enfim, das instituições que nos atravessam, é fundamental que o curso seja utilizado como um espaço de educação alternativa, onde a proposta pedagógica esteja aberta aos problemas vividos pela comunidade, às intervenções e aos saberes dos educandos e educadores, e que não reproduza a educação acrítica que é praticada na escola convencional. Não podemos esquecer o caráter político do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Por isso, é importante que caminhemos em um horizonte político.

Segundo Hurtado (1993), “a educação popular é, fundamentalmente, o momento privilegiado de reflexão crítica e sistemática sobre a realidade e a prática transformadoras”. Ele ressalta, ainda, que “uma proposta de educação popular deve incluir produção de conhecimento e recuperação crítica de sua história e sua cultura, pois não há realidade que não se origine de seu próprio devenir histórico”.

Para caminharmos nessa perspectiva, as discussões políticas devem acontecer sistematicamente. Essas discussões devem ser espaços abertos a mais variadas intervenções. As disciplinas que abordam os conteúdos exigidos diretamente no Vestibular, devem abandonar os especialismos e a fragmentariedade, estabelecendo relações entre si, pois não estão dissociadas da vida, e, portanto, precisam ser politizadas e contextualizadas dentro da realidade.

Politizar o conteúdo não é tentar a todo custo ver uma ideologia implícita. Politizar um conteúdo é situá-lo historicamente num contexto histórico e social, identificando suas razões e consequências e apresentando sua construção lógica.

Assumindo a dialética como fundamento de uma pedagogia crítica, qual deve ser a metodologia do trabalho no Pré-Vestibular para negros e carentes?

Considerando o PVNC como um movimento social de educação, em que o ato pedagógico visa a construção de um conhecimento baseado no raciocínio lógico e na reflexão política para o engajamento do sujeito em lutas sociais, é importante, em primeiro lugar, o educando participe integralmente do processo, liberando suas falas, seus conflitos e sua criatividade.

Por isso, a leitura, a análise e a produção escrita são elementos fundamentais ao processo de educativo. Na medida em que o sujeito exercita o raciocínio lógico, vai, gradativamente, tornando-se capaz aprender com a própria produção. Os conteúdos convencionais e a

informação do dia a dia são importantes e fundamentam a análise, mas são complementares, podendo ser adquiridos através de leituras e grupos de estudos, e isso deve estar bem claro aos educandos. O momento da aula é o momento da reflexão em torno dos conceitos e os elos lógicos que se estabelecem entre eles, é o momento da análise de enunciados e fatos, da demonstração e aplicação.

Hurtado, afirma ainda que: "Os novos desafios metodológicos nos devem levar à busca, adaptação e criação de métodos e técnicas que nos permitam realizar as tarefas clássicas dos projetos, porém baseadas na plena, total e consciente participação, no controle e poder de decisão das ações a desenvolver, por parte dos sujeitos da ação transformadora".

O grande desafio metodológico do projeto situa-se na dificuldade de estabelecermos uma relação entre os programas dos vestibulares e uma proposta pedagógica. A dificuldade talvez está no fato do próprio vestibular ser um dispositivo excludente e os cursos pré-vestibulares serem descontextualizados e imbecilizantes. Nessa contradição, ocorrem conflitos pela tendência de se privilegiar uma linha de trabalho, ora defendendo o desenvolvimento do raciocínio lógico para a construção crítica do conhecimento, ora defendendo a transmissão dos conhecimentos exigidos nos vestibulares, que significa trabalhar na lógica da escola tradicional. Não podemos esquecer uma coisa: a proposta é dirigida a pessoas e não a objetos, e sendo pessoas são sujeitos pensantes, podendo perfeitamente participarem da sua própria formação, dividindo com os educadores a responsabilidade. É importante que os educandos adquiram a atitude de formulação própria, sintam-se autônomos e sujeitos do processo. Isso se refletirá na sua postura enquanto universitário e, futuramente, enquanto profissional.

A educação, para se transformar em instrumento de luta social, precisa passar por mudanças metodológicas, ou seja, precisa combinar ensino com o gosto pela reflexão, precisa privilegiar a consciência crítica, tendo a pesquisa como método principal na produção de saber, e não somente se limitar a transmissão não contextualizada de conteúdos e aos assuntos escolares. Consciência política não se dá, não se transmite através de exposições e palestras. É na ação sobre o mundo que tomamos consciência dele. A escola não está dissociada da vida. Por isso, uma dinâmica problematizadora, baseada na ação sobre o objeto de conhecimento, deve fomentar o processo educativo.

Porém, no caso de um curso pré-vestibular, alguns aspectos devem ser observados. Primeiro, o estudante que procura um curso dessa natureza, o faz com o objetivo de ingressar no ensino superior. Este é um sonho legítimo, mesmo que seja em decorrência da relação existente entre Diploma x Status Social produzida pela sociedade. Portanto, as abordagens devem ser reflexivas, mas não podem estar dissociadas do vestibular, pois condições concretas de aprovação devem ser criadas. Segundo, no caso específico de um trabalho voltado para a comunidade discriminada, não podemos negligenciar as dificuldades que os estudantes enfrentam, sejam de tempo, de cansaço ou o sentimento de

inferioridade que levam as pessoas a pensarem que "curso superior é para quem pode".

Portanto, uma metodologia crítica de educação deve embutir deve em seu bojo os seguintes itens:

- 1) Exposição, contextualização e análise dos conteúdos;
- 2) Leitura crítica de cada conceito, texto ou fato, sempre acompanhada de análise e produção escrita ou aplicação. A leitura complementar deve ser sempre indicada;
- 3) Amplas discussões que abordem análises sobre conjuntura política, social e econômica, e questões como discriminação racial e sexual, violência, educação, ética, entre outras;

Reflexão sobre objetivos, princípios e organização

Neste texto pretendo realizar algumas reflexões sobre os princípios e organização do Pré-Vestibular para Negros e Carentes, como contribuição ao debate sobre a Carta de Princípios.

Gostaria, inicialmente, de falar sobre os objetivos do movimento. Atualmente, após muitas leituras, debates, reflexões e análises da conjuntura, da nossa prática, penso que os objetivos principais do movimento poderiam ser:

- 1) Criar condições para que os estudantes discriminados, por raça, etnia, sexo ou situação sócio-econômica, concorram nos Vestibulares das Universidades Públicas, em condições concretas de aprovação e inclusão no ensino superior;
- 2) Realizar um trabalho de formação política, desenvolvendo atividades que contribuam para compreensão histórico-crítica da sociedade, das contradições e conflitos da realidade social;
- 3) Lutar contra o qualquer tipo de discriminação, na sociedade e na educação; e,
- 4) Lutar pela democratização da educação, através da defesa de um modelo de escola pública, popular, laica, pluricultural e de qualidade.

Considerando os objetivos acima, poderíamos nos dar por satisfeitos se trabalhássemos apenas pelo primeiro objetivo, ou seja, o Pré-Vestibular para Negros e Carentes poderia ser apenas um curso comunitário de capacitação de estudantes discriminados para o ingresso no ensino superior. Este objetivo, por si só, talvez justificasse todo o nosso esforço coletivo. Mas, como um movimento social que está se construindo, podemos e devemos ir além do ensino das disciplinas do vestibular. Podemos (como já fazemos) trabalhar para desenvolver atividades educativas para a formação política de militância para a organização popular e para o próprio Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Podemos, também, desenvolver ações de combate à discriminação e ao racismo. Podemos ainda, através de

Flávio
Paixão → VTF
desenvolvem juntas
dos negros brasileiros

propostas e pressão social articulada com outras entidades, lutar por um modelo de escola pública democrática. Uma escola pública que é aqui entendida como escola para todos, autônoma, laica, pluriétnica, pluriétnica e politécnica, onde se possa combinar aquisição de conhecimento com o gosto para discussão política.

Os movimentos sociais são coletivos que devem se organizar tendo como finalidades primeiras a emancipação humana e a democratização as relações sociais. São ações de afirmação de identidade e espaços públicos de elaboração de propostas e estratégias de transformação social, são ações organizadas pela sociedade para instituir a possibilidade de deliberação, prestação de contas e garantia de vida digna. Em resumo, podemos dizer que a tarefa dos movimentos sociais consiste em deslocar a cidadania da esfera legislação para a esfera material.

Nesse sentido, gostaria de refletir sobre a luta por escola pública. Este pode ser o objetivo geral, que incorpore os demais objetivos e ponto de partida da prática política do PVNC.

O momento histórico que estamos vivendo, sob a ideologia da globalização e o furacão avassalador neoliberal, tem sido apresentado por alguns intelectuais como o fim da história (Fukuyama), o fim das classes sociais, o fim das utopias, o fim dos movimentos e o reino do Mercado. "Nunca houve tanto fim" (diz R. Blackburn, 1992).

A ideologia neoliberal prega a idéia de que o mercado é o mecanismo natural de regulação das relações sociais. No campo educacional essa ideologia vem se caracterizando pela desobrigação dos governos com a escola pública e democrática, em favor da idéia de uma educação de "produtiva, eficiente e de qualidade total", adequada ao processo globalização excluente que se dá em escala planetária e, o que é pior, gerenciada pelo capital privado.

No bojo das reformas neoliberais há também um conjunto de estratégias culturais para impor novos valores e novos significados sociais. Pode-se destacar daí a questão racial. Alguns órgãos de comunicação se colocam a serviço da comunidade negra, mas apenas numa perspectiva de consumo, na imposição de valores (neo)liberais ou na exaltação do mérito (negro(a) bonito(a), negro(a) inteligente, negro(a) de sucesso, etc). Existem jornais, revistas e até um Comitê "Afro-Liberal" criado pelo PFL para trabalhar a questão racial.

Ainda sobre a questão racial, o maior (e mais triste) exemplo é o livro "A Curva do Sino", que se proclama como um estudo científico, mas que não passa de uma construção ideológica. Neste livro, lançado em 1994 nos EUA, os autores tentam mostrar que os negros são menos inteligentes que os brancos, falando da existência de três padrões de inteligência: alto, médio e baixo. O padrão alto seria do homem oriental, o padrão médio do homem branco ocidental e o padrão baixo do homem negro. E concluem, por exemplo, que não adianta investir na África, por ser constituída de negros. Segundo os autores, seria um investimento sem retorno.

Assim, o debate sobre justiça e democracia, é um debate fundamental aos movimentos sociais, organizações de trabalhadores, educadores, estudantes e militantes que tentam se

organizar contra o avanço da exclusão social, da discriminação e do racismo.

Sem desconsiderar nosso campo de intervenção, que de acordo com a trajetória do PVNC é fundamentalmente o questionamento e desconstrução da preconceito, da discriminação e do racismo contra os afrodescendentes, quero apenas chamar atenção para a necessidade de buscarmos compreender os problemas globais a que estamos submetidos e suas relações, pois estamos diante de valores e práticas políticas que se espalham pelo mundo, espalhando exclusão e discriminação.

Diante do neoliberalismo e de suas estratégias políticas e culturais, é importante que o Pré-Vestibular para Negros e Carentes, como um movimento social e popular de educação se fortaleça. Ao meu ver, um dos primeiros passos para isso é a (re)definição dos nossos princípios e organização. As interrogações: Quais as nossas concepções de democracia e cidadania? Qual o nosso projeto de sociedade e de educação? Quais os princípios do PVNC? O que queremos com o trabalho PVNC? Como nos organizar? São questões fundamentais que merecem uma (re)discussão e uma (re)construção coletiva.

Infelizmente a trajetória do Pré-Vestibular para Negros e Carentes tem sido marcada por divergências e conflitos internos que tem nos impedido de dar atenção à nossa luta de fato. Precisamos construir consenso em torno de um projeto coletivo.

Somos também prejudicados por um pragmatismo delirante e imediatista de pessoas que não percebem a importância do estudo e da reflexão para definição dos caminhos a trilhar. Um exemplo disso, são as negociações de bolsas de estudo com universidades particulares. Num momento em que o público é sucateado, acordos como esses podem servir para fortalecer o discurso privatista. A conquista de bolsas é importante, mas não podemos nos esquecer que justiça, democracia e solidariedade só pode acontecer na esfera pública. O mercado é o lugar da desigualdade, do individualismo, da discriminação e da exclusão.

Um movimento que se pretende político não deve se construir sobre imediatismos. O imediato do PVNC, que é o vestibular, é muito importante e uma como elemento de mobilização. A partir daí, precisamos construir identidade sócio-cultural, consciência classe, solidariedade, propostas e formar militância para o embate em torno do direito à educação.

Como sujeitos da história, devemos estar engajados numa luta por justiça na educação, se insere na luta mais ampla pela transformação desta sociedade excluente em uma sociedade justa. Precisamos dar atenção a alguns aspectos que são muito importantes na nossa atuação político-pedagógica. Mas, que aspectos seriam esses?

Não tenho respostas, mas tenho convicção de que esses aspectos não são internos. Podem ser ameaças que se reproduzem nas falas e ações de alguns companheiros. Mas são ameaças externas. Ameaças de exclusão via privatização das coisas públicas (inclusive a escola), via discursos que

tentam justificar a superioridade de grupos sobre outros, via tentativa de desqualificação do professores, via discursos que tentam fazer acreditar que o privado é mais democrático e eficiente que o público, que "liberdade é incompatível com igualdade" (Milton Fridman), ou discursos como o do "Jornalismo" da Rede Globo, de que somos um povo de "alma portuguesa, sangue índio e herança negra".

É fundamental que o PVNC (re)construa seus objetivos políticos, que ainda não estão explícitos para o conjunto do movimento e para a sociedade. Os objetivos que descrevo neste texto, podem ser entendidos como uma proposta ao movimento, mas servem muito mais como parâmetros para reflexão. Somente a construção coletiva poderá dar a resposta.

O importante é que precisamos definir e explicitar os objetivos, os princípios filosóficos e político-pedagógicos do Pré-Vestibular para Negros e Carentes, e a partir deles, nos (re)organizarmos para a construção de estratégias questionadoras e transformadoras das concepções sobre sociedade, democracia e, especificamente, educação. O debate sobre Carta de Princípios e o lugar dessa (re)construção.

Podemos novamente tomar como exemplo a questão das bolsas em universidades particulares: existe, no conjunto do PVNC, a crença de que uma das formas de democratizar o ensino é através de bolsas de estudos. Isso traduz uma concepção, segundo a qual a pode existir democracia no espaço privado. Democracia quer dizer poder popular, é o lugar do cidadão e do sujeito, respeito às diferenças e diversidades, participação, deliberação, prestação de contas, autonomia. E não tenho dúvidas que esses elementos somente são possíveis no esfera pública.

A prática política de um movimento social popular supõe articulação de seus componentes, supõe organização, por ser o meio pelo qual um movimento estrutura sua atuação, se apresenta e debate com o conjunto sociedade. Os princípios e objetivos definem uma visão de mundo e de sociedade, definem concepções como ação afirmativa, cultura, identidade, cidadania, democracia, socialismo, definem, enfim, elementos a partir dos quais e pelos quais devemos nos organizar e trabalhar para dar materialidade.

Entendo que, atualmente, a organização geral do movimento conta com instâncias de deliberação, aprofundamento teórico e operacionalização. As instâncias de deliberação são a Assembléia Geral e o Conselho Geral. As instâncias de aprofundamento teórico são o Seminário e as Equipes de Reflexão. As instâncias de operacionalização e apoio são a Secretaria do Conselho Geral, as Comissões. Há também o jornal Azânia e uma comissão de Assessoria de Imprensa, que são importantes para o PVNC.

Essa organização tem se apresentado como problemática. Problemática muito menos pela complexidade ou quantidade de instâncias, e muito mais por falta de uma definição do papel das instâncias.

É importante também, que o PVNC conquiste reconhecimento social e político, mas como um sujeito coletivo e não em torno de "personalidades". Esse é um ponto que, de certa forma, nos remete ao debate sobre institucionalização do movimento, o que foge aos objetivos deste texto, mas não da reflexão sobre o PVNC.

Sobre as funções das instâncias, vale dizer que um movimento social, para conseguir sucesso no embate contra a exclusão social e a discriminação, deve ter princípios, projeto político, propostas, estratégias de mobilização e, sobretudo, *expressão política* capaz de gerar debates na sociedade. Nossa reflexão coletiva sobre o PVNC não pode deixar de buscar respostas às seguinte perguntas: Sobre quais objetivos e concepções devemos nos organizar? Qual o nosso projeto político? O que pode feito, a nível de organização, para fortalecer o PVNC?

Finalizando, nossa tarefa no debate sobre Carta de Princípios, na perspectiva das idéias apresentadas neste texto, poderia ser assim resumida:

- Definir princípios e objetivos;
- Definir proposições e uma agenda para a reflexão e discussão sobre a possibilidade de projeto político democrático e popular para a educação brasileira;
- Definir temas comuns para os debates de Cultura e Cidadania, pois é a principal atividades de formação de militância;
- Avaliar a relevância e definir a função de cada instância, considerando questões de curto, médio e longo prazos, bem como questões internas e externas ao movimento. Há que se constituir espaços de construção democrática de propostas e estratégias, espaços de reflexões e aprofundamento teórico, espaços de deliberação política, espaços de prestação de contas e uma representação junto às instituições sociais;
- Retomar a discussão sobre relações institucionais, considerando a Instituição Educativa (leis, normas, valores) e não somente as articulações com as entidades de ensino (PUC, UNESA, UNIGRANRIO, etc).
- Retomar a discussão sobre institucionalização do PVNC, como um possível requisito para que o movimento conquiste expressão política.

Alexandre do Nascimento é professor de Cultura e Cidadania e membro da Equipe de Reflexão Pedagógica do PVNC.

Itens a serem abordados:

1. Objetivos e princípios filosóficos e pedagógicos;
2. Organização e papel de cada instância;
3. Política financeira;
4. Critério de seleção de aluno;
5. Perfil e papel dos professores;
6. " " " dos coordenadores;
7. Cultura & cidadania (definição de temas);
8. Universidades Particulares;
9. Critério de permanência e adesão a novos núcleos ao movimento.
- 10.